

7.08.04 - Educação / Ensino–aprendizagem

## **A PRODUÇÃO DE JOGO DIDÁTICO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E O ENSINO DA HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS DO NORDESTE**

Myrella Vieira da Silva<sup>1\*</sup>, Andréa Giordanna Araújo da Silva<sup>2</sup>.

1. Estudante de Pedagogia do Centro de Educação da UFAL

2. Professora e pesquisadora do Centro de Educação da UFAL/Orientadora.

### **Resumo:**

O construto apresenta os resultados do estudo desenvolvido no curso de formação inicial de professores da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A prática de formação e pesquisa trabalhou a diversidade dos povos indígenas da região Nordeste do Brasil, por meio da produção de tecnologia pedagógica, Jogos Didáticos, e da realização de prática de ensino desenvolvida por licenciados do curso de Pedagogia numa escola pública de ensino fundamental. O jogo “Povos Indígenas do Nordeste” tem como objetivo desmistificar o ideário de homogeneidade entre as comunidades indígenas do Nordeste e valorizar a pluralidade cultural dos povos indígenas. O instrumento produzido possibilitou aos alunos do ensino fundamental a percepção da heterogeneidade e presença desses povos no Nordeste em diferentes tempos históricos, e aos professores, em formação, entender que é possível um ensino de História de perspectiva crítica e dialógica. Para o desenvolvimento do trabalho utilizou-se como subsídios teóricos os estudos de Almeida (2010), Giacomoni(2013) e Fonseca(2004).

**Palavras-chave:** Povos Indígenas do Nordeste; Ensino de História; Formação de Professores.

### **Introdução:**

O trabalho expõe a experiência pedagógica e de pesquisa desenvolvida no curso de formação inicial de professores. O estudo foi realizado por meio da produção de um jogo didático, “Povos Indígenas do Nordeste”, e de vivência de prática pedagógica, realizada com 40 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede municipal de ensino de Maceió. O objetivo foi desenvolver uma tecnologia (recurso) didática que possibilitasse o trabalho com temáticas relacionadas à Educação Etnicorracial.

Selecionou-se a temática “Povos Indígenas do Nordeste” como objeto de estudo porque historicamente esses sujeitos têm sido alvo de percepções preconceituosas e/ou de apreensões limitadas e discriminatórias construídas no tocante às suas historicidades e pontualidades políticas, culturais e econômicas.

Considerou-se para o desenvolvimento da pesquisa os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) para o ensino de história, os quais indicam como objetivos do Ensino Fundamental que os alunos sejam capazes de [1] reconhecer as características do Brasil; e [2] valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, posicionando-se contra qualquer forma de discriminação. Desse modo, entende-se que para termos uma formação crítica é preciso que as questões sociais sejam conhecidas pelos professores e apresentadas aos alunos do ensino fundamental de modo a desenvolver a capacidade de tomada de decisões no tocante a vida coletiva, visando reconhecer e lutar contra injustiças sociais.

Através da análise de livros didáticos para o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo como base os estudos de Fonseca (2004) e Paim (2010), pode-se constatar diversos problemas nestes recursos, dentre eles: [1] fundamenta-se numa concepção historiográfica que não permite que o aluno construa/desenvolva postura crítica; [2] o professor é tratado como transmissor do conhecimento e o aluno como receptor de informações; [3] há silenciamento no tocante aos papéis sociais desempenhados pelos sujeitos históricos (índio, negro, mulher); [4] exaltam as biografias e fatos políticos de sujeitos que desenvolveram atividades políticas estatais e militares. Deste modo, o livro didático se caracteriza como uma ferramenta didática limitada de exposição de informações que colaborem com o trabalho de formação do sujeito crítico e reflexivo.

Embora as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (2013, p. 250) destaquem que “o material didático constitui-se no instrumento facilitador da construção do conhecimento e mediador da interlocução entre os sujeitos do processo educacional”, é comum que o professor, no Brasil, não receba os materiais pedagógicos e didáticos necessários à prática docente, isso ocorre especialmente devido às precárias políticas de incentivos à produção de materiais didáticos diversificados no Brasil. Por isso, é fundamental que, em seu processo formativo inicial, ele aprenda a criar, de forma objetiva e sistemática, os seus próprios recursos pedagógicos e didáticos (tecnológicos).

### **Metodologia:**

A experiência de formação e pesquisa ocorreu no primeiro semestre do ano de 2017, numa turma do último período de Pedagogia do Centro de Educação da UFAL. Esta experiência foi construída e vivenciada por mais duas graduandas, Silvana Régia e Francisca Augusto. O processo formativo e de pesquisa foi dividido em quatro momentos: primeiro foi trabalhada a parte teórica acerca dos sujeitos históricos Povos Indígenas do Brasil (ALMEIDA, 2010). Por conseguinte, tivemos uma oficina de produção de plano de aula e analisamos os Livros de Metodologia do Ensino de História, além de estudarmos o processo de produção de jogos didáticos, tendo como referência Giacomoni (2013). Compreendendo que primeiro tinha-se que ser selecionado o

conteúdo de ensino e elaborado o plano de aula, para em seguida produzir o jogo, caso contrário ele não seria didático, uma vez que é preciso que o jogo tenha conteúdo que proporcione aprendizagem ao aluno e que não suscite a competitividade.

No terceiro momento foi realizada a produção do jogo didático “Os Povos Indígenas do Nordeste”. O jogo confeccionado trata-se de uma tecnologia didática e apresenta as diversas etnias dos povos indígenas que estão presentes na região Nordeste do Brasil. O recurso didático produzido teve como objetivos desmistificar o ideário de homogeneidade entre as comunidades indígenas da região Nordeste e ainda valorizar a pluralidade cultural e as diferentes trajetórias históricas dos povos indígenas da região.

O jogo é composto por um tabuleiro de trilha, cartas informativas com ilustrações, pinos e um dado. No tabuleiro é ilustrado um percurso com 36 casas (cada casa representa um povo indígena) e o mapa do Nordeste para que o aluno faça a marcação de quantos povos há em uma determinada cidade. Nas cartas há a descrição da característica do povo citado com foto ilustrativa e a localidade em que ele habita para que o aluno faça a marcação. O jogo comporta até cinco jogadores, podendo ter até dois vencedores, e visa à aprendizagem crítica do aluno a respeito do tema abordado no jogo.

Como última ação de formação foi realizada a prática da regência da aula de história com a temática “Povos Indígenas do Nordeste”, que ocorreu numa escola pública de Maceió, com duas turmas do 5º ano do ensino fundamental e, também foi elaborado o Relatório de Experiência Pedagógica, que possibilitou aos licenciados do curso de pedagogia apresentarem o processo de produção e os efeitos da prática formativa de confecção orientada e vivência pedagógica com jogos didáticos nas aulas de história.

### **Resultados e Discussão:**

A partir desta experiência pudemos concluir que o jogo é um recurso didático viável no processo educativo, pois é um reforço para a compreensão do conteúdo, além de favorecer ao aluno a construção do conhecimento e ao professor a potencialização do processo de ensino e aprendizagem. Ademais, quando o jogo é produzido pelo professor pode ter maior significado social e contextual, uma vez que este irá correlacionar os objetivos do jogo com o conteúdo que será trabalhado, visando à aprendizagem do aluno.

Neste sentido, o jogo ganha um espaço como a ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que propõe estímulo ao interesse do aluno, desenvolve níveis diferentes de experiência pessoal e social, ajuda a construir suas novas descobertas, desenvolve e enriquece sua personalidade, e simboliza um instrumento pedagógico que leva o professor à condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem. (CAMPOS; BORTOLOTO; FELÍCIO, 2003, p. 48).

Deste modo, o professor precisa estar preparado a desenvolver ações educativas diversificadas de modo a melhorar suas estratégias e procedimentos de ensino, além de evitar que sua prática se transforme em uma situação rotineira marcada, sobretudo, pela transmissão de conhecimento. Para isso, é fundamental que a formação profissional do educador lhe dê o maior aparato possível para que ele possa enfrentar os desafios da prática. E, em consonância com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC (2015, p. 58), acredita-se que

O planejamento e as estratégias diferenciadas em sala de aula, além de serem direitos dos alunos, podem levar a resultados significativos na aprendizagem e no desenvolvimento das atividades com toda a turma. Planejar e colocar em prática estratégias diferenciadas possibilitam o acesso – aos conteúdos, às atividades escolares, aos jogos, entre outros – e à aprendizagem.

Sendo assim, é de suma importância que o professor em formação tenha acesso a conhecimentos/práticas que o possibilite significar a sua prática docente. Pode-se dizer que a experiência da produção de materiais didáticos e sua aplicação em sala de aula são significativas para formação do educador, pois este pode: [1] correlacionar teoria e prática, [2] compreender que é possível realizar um ensino de História para além do método de ensino tradicional, [3] além de vivenciar a execução de um plano pedagógico em que foi autor de todo processo, ou seja, a utilização de material didático produzido por quem vive/conhece a prática da sala de aula.

É preciso ressaltar que praticamente não existem materiais didáticos disponíveis para o professor trabalhar esta e outras temáticas sociais e históricas contemporâneas. Assim, fica evidente a necessidade do educador trabalhar esses conteúdos para além do livro didático, uma vez que este colabora na formação de uma visão equivocada sobre os povos indígenas (como de outros sujeitos históricos). Além disso, a história que o livro didático apresenta, de acordo com Grupioni (1995), é uma história limitada e discriminatória que silencia e/ou ignora as histórias dos povos indígenas do Brasil, e mais especificamente do Nordeste. Ainda mais,

Os livros didáticos produzem a mágica de fazer aparecer e desaparecer os índios na história do Brasil. O que parece mais grave neste procedimento é que, ao jogar os índios no passado, os livros didáticos não preparam os alunos para entenderem a presença dos índios no presente e no futuro. E isto acontece, muito embora, as crianças sejam cotidianamente bombardeadas pelos meios de comunicação com informações sobre os índios hoje. Deste modo, elas não são preparadas para enfrentar uma sociedade pluriétnica, onde os índios, parte de nosso presente e também de nosso futuro, enfrentam problemas que são vivenciados por outras parcelas da sociedade brasileira (GRUPIONI, 1995, p. 489 apud CF. PINTO E MYAZAKI, 1985).

No tocante a temática escolhida, pode-se dizer que esta é de suma importância para que os sujeitos conheçam aspectos fundamentais do surgimento e desenvolvimento do Brasil. Os povos indígenas precisam ser conhecidos pelos estudantes para que possamos, como não indígenas, reconhecer a importância histórica e os direitos sociais e políticos desses sujeitos. Almeida (2010) afirma que:

Ao invés de desaparecerem, como era previsto, os índios, em nossos dias, crescem e se fortalecem politicamente, exercendo considerável influência sobre os estudos acadêmicos. [...] Saem dos bastidores e lentamente vão conquistando espaços no palco de nossa história, ainda que espaços muito acanhados, deve-se convir. (p. 160)

Sendo assim, os povos indígenas devem ser valorizados em nossa sociedade. E focamos na região Nordeste para que os alunos pudessem saber da existência desses povos próximos de nós, uma vez que muitos pensam nos povos indígenas como pessoas distantes, quando não inexistentes. Além disso, em consonância com Callai (2000), “muitas vezes sabemos do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, [...] temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos.” (p. 85) Deste modo, “compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem.” (p. 86)

Acredita-se que o jogo didático é um recurso que pode contribuir com o processo de ensino e aprendizagem, pois com o seu uso os alunos têm a possibilidade de apreender o conteúdo de forma mais dinâmica, além de vivenciar um momento lúdico que contribui no desenvolvimento [1] da interação com outras pessoas; [2] da organização de pensamento e atitudes; e [3] da tomada de decisão.

Entende-se que a vivência desta prática pedagógica é fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional dos sujeitos que estão em processo formativo (alunos e educadores). Por último, citamos também a unidade escolar, a qual tem a oportunidade de vivenciar e conhecer o que está sendo produzido no meio acadêmico.

### Conclusões:

Através desta experiência de formação e pesquisa foi possível perceber que a temática “Povos Indígenas do Nordeste” é pouco trabalhada no cotidiano escolar, demonstrando o quanto necessário é discutir tal conteúdo com os alunos para que assim os povos indígenas sejam conhecidos e valorizados socialmente. Como também para que os discentes conheçam as características fundamentais do seu local; e possam valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, de modo a se posicionar contra qualquer tipo de discriminação histórica, cultural, econômica e política.

A realização da regência demonstrou que o jogo didático é um recurso favorável para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que auxilia o aluno na compreensão e construção do conhecimento e permite que o professor potencialize a sua prática pedagógica. Além de mostrar que o educador tem a capacidade de ser o autor de seus procedimentos e estratégias de ensino, desde que o seu processo formativo inicial e continuado o forme para isto. Deste modo, o educador deve ter uma formação que o permita desenvolver ações educativas diversificadas e superar os desafios da prática docente.

Por fim, acredita-se que o trabalho de pesquisa e de produção tecnológica na graduação é de suma importância para que o futuro educador possa correlacionar teoria e prática; perceber que estudar/pesquisar é fundamental para se ter sucesso no processo de ensino e aprendizagem; e compreender que é possível realizar um ensino de História para além do método de ensino tradicional.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2010.

\_\_\_\_\_. **Os Índios Aldeados: histórias e identidades em construção**. Tempo, núm. 12, dezembro, 2001, pp. 51-71 - Universidade Federal Fluminense. Niterói, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1670/167018164003.pdf>>. Acesso em: 02/10/2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Currículo na perspectiva da inclusão e da diversidade**: as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e o ciclo de alfabetização. Caderno 01. Brasília: MEC, SEB, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, p. 83-134, 2000.

CAMPOS, Luciana Maria Lunardi; BORTOLOTO, Tânia Mara; FELÍCIO, Ana Karina C. A produção de jogos didáticos para o ensino de ciências e biologia: uma proposta para favorecer a aprendizagem. **Caderno dos núcleos de Ensino**, v. 47, p. 47-60, 2003.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. Exaltar a pátria ou formar o cidadão. In: **História e ensino de história**. Belo Horizonte:

Autêntica, 2004. Cap. III.

GIACOMONI, Marcello Paniz. PEREIRA, Nilton Mullet. Jogos e ensino de história. Orgs. Marcello PanizGiacomoni e Nilton Mullet Pereira. In: **Flertando com o Caos: os jogos no Ensino de História**. – Porto Alegre: Evangraf, 2013.

GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. Livros didáticos e fontes de informações sobre as sociedades indígenas no Brasil. In: **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. 1.

PAIM, Elison Antônio. Lembrando, eu existo. In: **História e ensino de história**. Brasília: Ministério da Educação 2010. Cap. IV.